

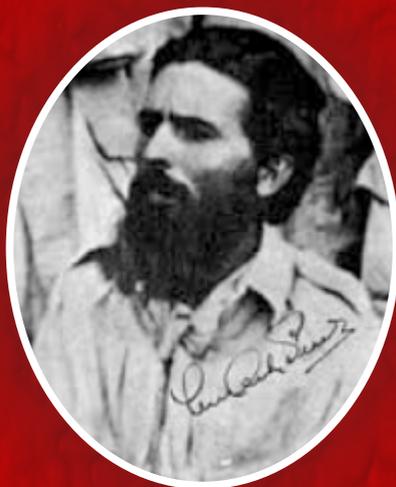


Estado do Rio Grande do Sul
Assembleia Legislativa

COLUNA PRESTES 90 ANOS 1924 - 2014



DEPUTADO ESTADUAL
RAUL CARRION (PCdoB)



*"Luiz Carlos Prestes entrou vivo
no Panteon da História.
Os séculos cantarão a 'canção de gesta'
dos mil e quinhentos homens da
Coluna Prestes e sua marcha de quase
três anos através do Brasil.
Um Carlos Prestes nos é sagrado.
Ele pertence a toda a humanidade.
Quem o atinge, atinge-a."*

(Romain Roland, 1936)

PUBLICAÇÃO DO GABINETE DO DEPUTADO RAUL CARRION

Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul

Coordenador da Bancada: Roberto Sum

Chefe de Gabinete: Angelo Zeni

Texto e pesquisa histórica: Raul Carrion

Fone: 3210-2164

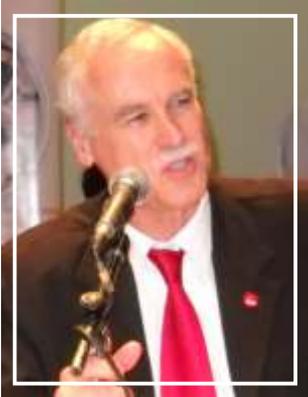
www.raulcarrion.com.br

raul.carrion@al.rs.gov.br

"Nessas terras do sul ele nasceu, amiga. (...) Nessas terras deixaram a marca dos seus passos a brasileira Anita Garibaldi e o italiano Giuseppe Garibaldi. (...) Houve uma revolução, ela se chamava de "Farrapos". Houve uma República nessas terras, quando ainda as forças reacionárias do Império eram donas do país. Luta de anos, os gaúchos dando sua vida pela liberdade. (...) Os gaúchos seguiram sempre essa palavra quando a pronunciaram homens corajosos. (...) os homens se transformaram em revolucionários, os cavalos cortando a noite do pampa (...) como um rio, corre por estas terras o sangue dos que morreram na luta pela liberdade. Nessas terras do sul, amiga, nasceu
LUIZ CARLOS PRESTES."

Jorge Amado - "O Cavaleiro da Esperança"

Apresentação



Raul Carrion é deputado estadual e Líder do PCdoB na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, historiador graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pós-graduado pela FAPA (Faculdades Porto-Alegrenses). No curso de história, seu trabalho de conclusão versou sobre “O Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Sul - 1922-1929”, temática que estuda há alguns anos.

Dirigente estadual do PCdoB no Rio Grande do Sul desde 1970, Carrion alia a pesquisa histórica à vivência prática na militância partidária por mais de 40 anos. Em consequência de sua luta, foi preso em 1971 e barbaramente torturado. Libertado e perseguido, foi forçado ao exílio no Chile e na Argentina, onde organizou o trabalho entre os exilados.

Em 1976, retornou clandestinamente ao Brasil, trabalhando como metalúrgico em Santos, S. Paulo e Goiás. Com a queda da Lapa e o assassinato, sob torturas, de João Baptista Drummond, que era o seu contato em Goiás, perdeu a ligação com o partido. Em 1977, viajou clandestinamente à Argentina para restabelecer o contato com o Comitê Central. Após, viajou para Porto Alegre para restabelecer a ligação do PCdoB no Rio Grande do Sul com o Comitê Central, retornando em seguida para Goiás. Somente com a anistia, em fins de 1979, retornou definitivamente a Porto Alegre.



Luiz Carlos Prestes nasceu em 3 de janeiro de 1898 em Porto Alegre, filho do capitão do Exército Antônio Pereira Prestes - maçom, abolicionista e republicano - e de Leocádia Felizardo Prestes - professora de escola pública. Aos dez anos de idade ficou órfão de pai, crescendo em um ambiente de grandes privações, no Rio de Janeiro, onde a família morava. Sua mãe passou a dar aulas e a

trabalhar como modista e balconista para poder sustentar os cinco filhos, Luiz Carlos e suas quatro irmãs - Lygia, Clotilde, Eloíza e Lúcia.

Em 1909, Luiz Carlos Prestes ingressou no Colégio Militar, logo se destacando como o melhor aluno da turma. Em 1916, ingressou na Escola Militar do Realengo, também no Rio, onde conviveu com Juarez Távora, Antônio de Siqueira Campos, Eduardo Gomes, Osvaldo Cordeiro de Farias, futuras lideranças das lutas tenentistas dos anos vinte. Em 1920, formou-se na Escola Militar do Realengo, como o primeiro da turma, diplomando-se engenheiro militar. Foi, então, promovido a 2º tenente e designado para servir na 1ª Companhia Ferroviária de Deodoro. Em 1922, foi transferido para o Rio Grande do Sul, com a tarefa de fiscalizar a construção de quartéis nas cidades gaúchas de Santo Ângelo, Santiago do Boqueirão e São Nicolau.

Durante esses anos, aproximou-se do movimento dos tenentes que - insatisfeitos com os rumos oligárquicos da República Velha - almejavam reformar o Brasil. Só não participa da revolta de 5 de julho de 1922 - celebrizado pelo levante dos Dezoito do Forte de Copacabana - por estar acamado, com febre tifóide. Os revoltosos foram massacrados, só sobrevivendo os tenentes Siqueira Campos e Eduardo Gomes, apesar de feridos.

Em 1923, com apenas 22 anos, foi promovido a capitão por merecimento. Tornou-se chefe da seção de Construção do 1º Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo, onde desenvolveu um eficiente trabalho de preparação da tropa, que o idolatrava. Ao mesmo tempo, participou ativamente da conspiração tenentista que preparava um novo levante contra Artur Bernardes.

De fato, em 5 de julho de 1924, irrompeu em São Paulo um novo levante tenentista. Comandados pelo General reformado Isidoro Dias Lopes e pelo Major Miguel Costa, da Força Pública de SP, os revoltosos tomaram São Paulo e resistiram durante 22 dias às tropas federais e estaduais enviadas contra eles. Somente em Manaus/AM, Óbidos/PA, Aracaju/SE e Bela Vista/MT, se rebelaram algumas unidades, mas foram rapidamente derrotadas. O Rio Grande do Sul não participou do movimento por não ter sido avisado a tempo.

Em inferioridade militar e duramente atacados os rebeldes abandonaram a cidade de forma furtiva, deslocando-se para o Oeste do Paraná, onde organizaram a resistência, na expectativa de novas rebeliões em seu apoio. Equivocadamente, porém, adotaram a estratégia da "guerra de posições", em condições totalmente desvantajosas.



Os rebeldes abandonaram São Paulo em 13 trens para continuar a luta no interior. Até o governo se curvou diante desta extraordinária operação logística.

O LEVANTE TENENTISTA NO RIO GRANDE DO SUL EM 1924

No Rio Grande do Sul, o Capitão Prestes e os tenentes Aníbal Benévolo, Mário Portela Fagundes e João Pedro Gay rebelaram, em outubro de 1924, o 1º Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo e o 3º Regimento de Cavalaria de São Luiz Gonzaga, além de outras unidades de Uruguaiana, Alegrete, São Borja e Cachoeira do Sul. A eles, somaram-se diversos caudilhos maragatos que viram no movimento dos tenentes uma oportunidade de combater Borges de Medeiros e o governo federal.



Depois de tentativas fracassadas de tomar outras cidades da região e na medida em que o governo sufocara as revoltas em Uruguaiana, Alegrete, São Borja e Cachoeira do Sul, os insurretos – sob o comando do Capitão Luiz Carlos Prestes e os Tenentes Portela, Siqueira Campos, João Alberto de Lins de Barros e Cordeiro de Farias (esses três últimos vieram somar-se à revolta gaúcha) – concentraram seus 1.500 homens, precariamente armados, em São Luís Gonzaga, onde as tropas legalistas teriam dificuldade

de chegar, por inexistência de ferrovias. Ali, onde permaneceram algum tempo, os rebeldes editaram o jornal “O Libertador” – cujo lema era “Liberdade ou Morte” – e publicaram suas seis primeiras edições.

Após alguns combates isolados, os rebeldes tiveram que enfrentar o ataque de sete colunas, de 2.000 soldados cada uma, que convergiram sobre a cidade de São Luís Gonzaga. Evitando cair no erro da “guerra de posições”, Prestes manobrou com grande habilidade, marchando para Oeste e esgueirando-se entre as colunas inimigas, para logo tomar o rumo de Santa Catarina e Paraná, com o objetivo de juntar-se às tropas paulistas que resistiam em Catanduvas. As tropas legalistas, ao chegarem a São Luís Gonzaga não encontraram um único rebelde. Atordoadas pelas manobras de Prestes, ao tentarem persegui-lo chegaram a combater entre si durante toda a madrugada do dia 24 de março de 1925, no célebre combate da Maria Preta, em Santa Catarina, perdendo mais de 200 homens, enquanto Prestes escapava ileso.

LUIZ CARLOS PRESTES, O GÊNIO MILITAR DA “COLUNA INVICTA”

Tirando lições dessas primeiras refregas, Prestes escreveria pouco dias depois para o General Isidoro afirmando: “*A guerra no Brasil, qualquer que seja o terreno, é a 'guerra de movimento'. Para nós, revolucionários, o movimento é a vitória. A 'guerra de reserva' é a que mais convém ao governo, que tem fábricas de munição, fábricas de dinheiro e bastantes analfabetos para jogar contra nossas metralhadoras.*”



As tropas revolucionárias em Foz do Iguaçu, depois de terem descido de barco pelo rio Paraná.

Depois de vencer incontáveis dificuldades e enfrentar inúmeros combates contra tropas mais poderosas, a Coluna chefiada por Prestes chegou, enfim, com cerca de 800 combatentes, em Benjamim Constant/PR, em 11 de abril de 1925, fazendo a junção com os rebeldes paulistas. Porém, em 29 de março, as tropas paulistas que resistiam em Catanduvas haviam-se rendido às tropas legalistas. Criou-se, assim, uma situação

desesperadora para o restante das tropas rebeldes que se encontravam em Foz do Iguaçu, encurraladas entre os rios Paraná, Iguaçu e Piquiri, frente ao iminente ataque das tropas governistas.

A opinião generalizada entre os paulistas era o abandono da luta e a emigração para a Argentina. Contra isso se insurgiram Prestes e seus comandados, que propuseram a continuidade da luta através dos sertões do Brasil, com o objetivo de manter acesa a chama da revolução e atrair as tropas governamentais para o interior do país, facilitando novas rebeliões nas capitais. Apesar das inúmeras deserções, essa opinião acabou sendo vitoriosa. Assim, foi criada a 1ª Divisão Revolucionária – sob o comando de Miguel Costa – com cerca de 1.500 homens, sendo 800 da

Brigada “Rio Grande” – comandada por Luiz Carlos Prestes – e 700 da Brigada “São Paulo” – comandada pelo tenente Juarez Távora. Ao General Isidoro, devido à sua idade avançada, foi sugerida a emigração para a Argentina.

A primeira questão a ser enfrentada era como escapar do cerco das tropas legalistas que se aproximavam velozmente. Mais uma vez coube a Prestes definir a linha de ação – transpor o caudaloso Rio Paraná em Porto Mendes, ingressando no Paraguai; percorrer 125 km do território paraguaio e ingressar novamente no Brasil, no Mato Grosso. O tenente João Alberto foi enviado para explicar ao comandante paraguaio que os objetivos da incursão das tropas rebeldes no país vizinho eram puramente defensivos e conseguiu convencê-lo a permitir a passagem, a qual foi realizada entre 27 e 29 de abril de 1925.

Em 3 de maio, enquanto Artur Bernardes informava em sua mensagem ao Congresso Nacional a derrota final do movimento sedicioso, a Coluna Prestes – como se notabilizou – reingressava no território nacional por Mato Grosso.

Ali, a Coluna pode refazer suas forças, reabastecer-se e repor suas montarias. Combinando de forma inovadora uma estrita disciplina tática com o incentivo à iniciativa de cada combatente, a Coluna absorveu rapidamente a experiência de luta dos caudilhos gaúchos, acostumados à “guerra de movimentos” e à tática guerrilheira. Montados a cavalo e organizados em “fogões” – pequenos grupos de combatentes responsáveis por sua própria subsistência e alimentação – adquiriram enorme mobilidade. As “potreadas” – pequenos pelotões a cavalo, que se deslocavam pelos flancos, vanguarda e retaguarda, fazendo o reconhecimento do terreno, fustigando o inimigo e obtendo montarias e mantimentos – foram outra tática fundamental da Coluna.

Por insistência de Prestes, a 1ª Divisão Revolucionária foi reestruturada, acabando com a separação entre “Brigada Gaúcha” e “Brigada Paulista”, misturando entre si gaúchos e paulistas para melhor aproveitar a experiência de luta guerrilheira dos gaúchos. Em seu lugar foram criados 4 destacamentos, sob o comando de Cordeiro de Farias, João Alberto, Siqueira Campos e Djalma Dutra. Miguel Costa continuou no Comando da 1ª DR e Prestes tornou-se Chefe do seu Estado Maior, tendo Juarez Távora com sub-Chefe.

DO CENTRO-OESTE AO NORDESTE, MANTENDO ACESA A CHAMA DA REVOLUÇÃO

Em meados de maio, a Coluna Prestes travou um duro combate com as tropas governistas, nas cabeceiras do Rio Apa, mas seguiu sua marcha invicta. Sempre combatendo, a Coluna marchou para o Norte do Mato Grosso. Em fins de junho já alcançava o Sul de Goiás, onde travou outro duro combate em Zeca Lopes. Em 5 de julho de 1925, chegou a Rio



O comando da Coluna em Caiapônia em 1925: assinalados, em pé, Prestes e Moreira Lima; sentado, Juez Távora.

Bonito/GO (atual Caiapônia), onde comemorou com uma missa campal o aniversário do Levante do Forte de Copacabana.

Ao deixar Rio Bonito, a Coluna simulou atacar Goiás Velho e Anápolis, levando pânico às hostes governistas. Depois, desviou-se para o leste, ingressando em território mineiro. Atravessou o rio Carinhanha, percorreu uma pequena faixa do território baiano, e

reingressou em Goiás, em direção ao Norte. Em 16 de outubro entrou em Porto Nacional/GO, onde confraternizou com a população. Aí permaneceu uma semana, editando o sétimo número do jornal “O Libertador”. Logo prosseguiu a sua marcha em direção ao Maranhão.

Em de novembro, a Coluna Prestes ingressou no Maranhão, onde se dividiu em três corpos para melhor distrair a atenção do inimigo, todos orientados no sentido do Rio Parnaíba que separa o Maranhão do Piauí. Em 19 de novembro, o 1º Destacamento chegou em Carolina/MA, onde foi recebido com grande entusiasmo pela população e pelas autoridades locais. Ali foi editado o oitavo número de “O Libertador”.

Os 2.300 homens enviados pelo governador do Piauí com o objetivo de deter a marcha da Coluna no Rio Parnaíba retiraram-se desabaladamente ao primeiro contato com a vanguarda da Coluna, deixando o caminho aberto para as cidades de Floriano, Flores (hoje Timon) e Teresina, onde as tropas governistas, depois de cogitarem de abandonar a cidade, optaram por concentrar 4 mil soldados para a defendê-la. Sem força militar suficiente para atacá-la, os rebeldes, depois de se aproximarem de Terezina, seguiram em direção ao Ceará, onde adentraram em janeiro de 1926.



Cleto Campello viajou da Argentina a Pernambuco para sublevar os quartéis do Recife em nome da revolução.

No Piauí, aconteceu o primeiro e único contato da Coluna com dirigentes do Partido Comunista do Brasil. No início de 1926, emissários do dirigente comunista Cristiano Cordeiro e do tenente Cleto Campello informaram o comando rebelde sobre a conspiração em andamento em Recife e solicitaram o apoio da Coluna.

Em 20 de Janeiro, Prestes foi promovido a general-de-brigada pelo general-comandante Miguel Costa, que aproveita a ocasião para ressaltar "a sua bravura, inteligência, dedicação, capacidade de comando estoicismo e desinteresse pessoal". Em 26 desse mês, Prestes reuniu suas forças em Arneiroz/CE e seguiu em direção a Pernambuco, para auxiliar o levante programado pelo tenente Cleto Campello. Com esse objetivo, atravessou o Oeste do Rio Grande do Norte e da Paraíba, onde travou o sangrento combate de Piancó. Em 14 de fevereiro, a Coluna destruiu uma tropa inimiga em Carneiro/PE.

Combatidos por 15 a 20 mil homens e tendo tomado conhecimento do fracasso do levante de Cleto Campello, Prestes optou por cruzar o rio São Francisco e reingressar na Bahia. Ao chegarem à fazenda Cipó, foram violentamente atacados, tendo que travar duro combate.

Ameaçados por três colunas inimigas que avançavam, buscando cercá-los, os combatentes da Coluna marcharam dia e noite, através de catingas e atoleiros, sob chuvas torrenciais, até chegar ao Rio São Francisco, atravessando-o entre 25 e 26 de fevereiro, surpreendendo mais uma vez as tropas governistas, que não acreditavam ser isso possível.

A travessia da Bahia, em direção ao sul, através da Chapada Diamantina, foi extremamente dura. Aossados permanentemente por um total de 20 mil homens do Exército, Polícias Estaduais e batalhões de jagunços pagos pelo governo e pelos latifundiários da região, a Coluna

Prestes viu-se obrigada a combater permanentemente. Segundo Moreira Lima, foram 21 dias de marcha, cobrindo 114 léguas, ocupando 16 povoados e vilas, e acampando em 15 fazendas. Em 19 de abril, os rebeldes, sob o comando de Prestes, ingressaram no norte de Minas Gerais, tomando a direção de Montes Claros. Mas, o governo, temendo um ataque à Belo Horizonte ou contra o Rio de Janeiro, havia montado um poderoso dispositivo militar no norte de Minas Gerais para impedir a passagem da Coluna Prestes.



A situação tornou-se extremamente difícil para as forças rebeldes. Prestes percebeu que era preciso retroceder e realizou uma manobra audaciosa que veio a ser conhecida como “laço húngaro”. Inicialmente a vanguarda revolucionária atraiu o inimigo para o Riachão dos Machados; em seguida cortou o contato com ele e juntou-se ao grosso da Coluna que – enquanto as tropas governistas dirigiam-se para Riachão dos Machados – retornou no dia 30 de abril, para a Bahia, aproveitando-se do fato de que esta havia sido abandonada pelas tropas legalistas. Mais uma vez o gênio de Prestes havia derrotado a tentativa das tropas governistas de liquidá-lo.

Enganado uma vez mais, o inimigo voltou a deslocar suas tropas para a Bahia, retomando a perseguição aos revoltosos com o objetivo de aniquilá-los. Prestes decidiu, então, retornar para Goiás e Mato Grosso, o que colocou o desafio de cruzar novamente o rio São Francisco, em pleno período de cheias, marchando ora pelas margens pantanosas do rio, ora pela mais árida caatinga.

Como afirmaria Abguar Bastos sobre esse episódio:

"Avançando através das árvores marginais, à sombra das suas copas e por dentro das caatingas, rompendo aquele vasto lençol d'água, cercada de um grande silêncio, a Coluna lembrava as legiões cartaginesas atravessando a planície do Arno e o Serchio, seguidas de Anibal, montado no último elefante que lhe restava, impelindo para frente a avalanche guerreira que rolava dos Alpes sobre os muros de Roma."

Finalmente o São Francisco foi transposto, em 2 de julho, na vila de Rodelas, no extremo norte da Bahia, ingressando a Coluna em Pernambuco e deixando mais uma vez para trás os seus perseguidores. Nas palavras de Moreira Lima:

"a campanha da Bahia e Minas foi mais uma vitória da inteligência sobre a superioridade de número e dos elementos"



Prestes transformou-se no próprio símbolo da Coluna. Fez boa parte da marcha a pé, ao lado de seus homens, que tinham por ele profunda admiração.

O RETORNO AO CENTRO-OESTE, DERROTANDO TODAS AS TENTATIVAS DE ANIQUILAR A COLUNA

A partir daí, a Coluna marchou pelo sertão de Pernambuco em direção ao sul do Piauí, sempre combatendo, principalmente as tropas de jagunços. Dalí retornou à Bahia, pela margem esquerda do São Francisco. Em 20 de agosto, reingressou em Goiás travando um duro combate, mas derrotando o inimigo. Em Goiás, o comandante da Força Pública de São Paulo, Pedro Dias de Campos, a frente de 4.000 homens bem treinados e armados até os dentes – organizados em um regimento de cavalaria, dois batalhões de infantaria e uma companhia de metralhadoras, apoiados por uma flotilha de aviões da Força Pública paulista –, montou uma vasta operação para deter a Coluna Invicta. Não contava, porém, com a sagacidade de Prestes e a capacidade de operação das tropas rebeldes, que superaram com facilidade o dispositivo armado, deixando-o para trás e dirigindo-se para o sul de Goiás.

Aqui, mais uma vez, Prestes demonstrou toda sua genialidade militar. Como relata Moreira Lima, secretário da Coluna, em seu livro “A Coluna Prestes: Marchas e Combates”:

“foram assinaladas duas forças inimigas que se aproximavam, vindas de pontos diversos. Uma constituída por um batalhão da polícia paulista, comandada pelo major Arthur de Almeida, avançava de leste; e outra, formada pelos jagunços de Horácio Matos, procedia do norte. Prestes resolveu jogá-las uma contra a outra como fizera com Paim e Claudino, em Maria Preta, e com os cangaceiros de Franklin e Volnei e a polícia baiana nas proximidades de Brejinho. Para isso, mandou levantar acampamento pela meia-noite, deixando alguns homens encarregados de provocar esse encontro, e marchou em direção ao lugar de Santa Rita. Os inimigos satisfizeram a sua vontade, empenhando-se em encarniçado combate, que durou desde a madrugada até as oito horas da manhã de 2, tendo perdido uns duzentos homens.”

Com o objetivo de passar para o Mato Grosso – onde as tropas governistas pretendiam estabelecer uma linha intransponível – Prestes designou a João Alberto a tarefa de realizar uma manobra diversionista em direção ao Triângulo Mineiro, para atrair as tropas governistas para lá. Dessa forma, a Coluna conseguiu avançar para o Mato Grosso e João Alberto, cumprida sua tarefa, juntou-se a ela.

HORA DE REPENSAR A LUTA

Corria o mês de outubro de 1926 e completavam-se dois anos de luta, desde o levante de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul. A experiência desses dois anos e o contato com a profunda miséria em que viviam as populações interioranas fizera com que Prestes compreendesse que havia chegado a hora de mudar a forma de luta. Nas palavras de Prestes, “Como é que um país tão rico e o povo vivia naquela miséria? (...) Eu já estava convencido que a substituição pura do Bernardes não ia resolver nenhum problema. Nós estávamos diante de um problema social profundo, mas não conhecíamos as causas dessa miséria. (...) Por outro lado, com a guerra civil, quem mais sofria era o próprio povo (...) contribuir para terminar com a guerra civil, eu achava que já era um dever”.

A posse de Washington Luís em novembro de 1926 foi mais uma razão para convencer Prestes de que era chegado o momento de buscar novos caminhos de luta, que efetivamente enfrentassem pela raiz os graves problemas do Brasil e do seu povo.

A partir desse entendimento, Prestes enviou Moreira Lima e Djalma Dutra como emissários ao General Isidoro Dias Lopes – que



Djalma Dutra foi enviado por Prestes para propor o fim da luta.

estava em Paso de los Libres, na Argentina – para propor o encerramento da luta, inclusive na expectativa de uma anistia por parte do novo governo. Para acompanhá-los, designou um pequeno pelotão, comandado por Emygdio Miranda, e um destacamento de 80 homens chefiado por Siqueira Campos, com a tarefa de acompanhá-los até a Estrada de Ferro Noroeste. Ao receber os emissários de Prestes, o General Isidoro diria: “A coluna excede minha expectativa. Eu a

denomino Coluna Fenix porque, como o pássaro da lenda, ela tem renascido das próprias cinzas. Ninguém lhe pode exigir nada mais, porque seu esforço ultrapassou todas as possibilidades humanas.”

A jornada da Coluna Prestes pelo Brasil

Comandados por Luís Carlos Prestes, a coluna percorreu mais de 25 mil quilômetros pelo Brasil



Cumprida sua missão, Siqueira Campos tentou reencontrar o grosso da Coluna, mas perdeu-se dela. Acossado pelas tropas governistas, realizou, então, uma marcha de 9 mil km, percorrendo os Estados de Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, de onde rumou para a vila de Bela Vista, no Paraguai, onde chegou com apenas 65 combatentes, em 24 de março de 1927.

Enquanto isso, a Coluna avançava para o Noroeste de Mato Grosso, onde devia reencontrar Siqueira Campos e aguardar o retorno dos emissários. Em 24 de dezembro travaram um combate com forças legalistas, desbaratando-as e fazendo 40 prisioneiros que, bem tratados, foram soltos quando a Coluna aproximou-se de Cuiabá. No início de janeiro, a Coluna Invicta cruzou o Rio Paraguai e iniciou a travessia da região dos pantanais, que se estende até a Bolívia, em condições extremamente difíceis.

Ecoando a luta titânica da Coluna Prestes, o jornal "A MANHÃ" afirmaria no dia 20 de janeiro de 1927:

"A epopéia de Prestes confrontada, como o fizemos, com as demais epopéias do gênero, das quais tanto se ufana a história da civilização, só pela de Alexandre é superada e detém, portanto, o segundo lugar entre as mais notáveis expedições militares de que há notícia na história universal de todos os tempos."

Para se ter uma idéia do significado do feito da Coluna Prestes, basta dizer que a famosa "Grande Marcha" que Mao-Tse-Tung realizou na China, anos depois, percorreu ao todo 9.650 km, cerca de um terço do percurso da Coluna Invicta.

*Os rebeldes carregavam
um exército de feridos.
Sem médicos, os doentes
eram tratados e operados
por enfermeiros.*



O EXÍLIO NA BOLÍVIA

Será às margens do Rio Jauru, quase na fronteira com a Bolívia, que a Coluna travou o seu último combate, em 28 de janeiro de 1927, desbaratando as tropas governistas e perseguindo-as por uns 10 km. Finalmente, em 3 de fevereiro de 1927, a Coluna Prestes adentrou na Bolívia, com 620 combatentes maltrapilhos e extenuados, depondo suas armas às autoridades bolivianas. Seu inventário: 90 fuzis mauser, quatro metralhadoras pesadas (uma inutilizada) e dois fuzis-metralhadoras, além de munição para apenas 8 mil tiros.

Sob o comando de Luiz Carlos Prestes, a Coluna Invicta – utilizando táticas de guerrilha e a estratégia de guerra de movimentos – havia percorrido 13 Estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia), derrotado 18 generais e enfrentado quase 100 mil homens – entre tropas do Exército e de 17 Polícias Estaduais, jagunços e cangaceiros aliciados pelo governo. Ao todo, travou 53 combates, sem nunca ser derrotada.

Nessa marcha épica pelos sertões do Brasil, afirmaria Abgvar Bastos, *"o inimigo jamais tinha a iniciativa de coisa alguma, caminhava para onde Prestes queria, imobilizava-se onde Prestes o desejava, combatia quando Prestes o permitia."*

A marcha vitoriosa da Coluna Prestes pelo interior do Brasil, levando às populações interioranas as bandeiras das eleições livres, do voto secreto e do resgate da moralidade pública, manteve viva a chama da luta contra a República Velha e foi essencial para a vitória, três anos depois, da *"Revolução de 30"*. Sem aquela, esta teria sido impossível.



A saga da coluna chega ao fim; a foto mostra os rebeldes exilados no acampamento La Gaiba, na Bolívia.

O INGRESSO NO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, O RETORNO AO PAÍS E A PRISÃO

Mas a Coluna Prestes não encerrou a trajetória de lutas de Luiz Carlos Prestes, foi apenas o seu início. Ao adentrar em território boliviano, em 3 de fevereiro de 1927, concluindo de forma vitoriosa uma das mais longas e extensas campanhas militares de todos os tempos, Prestes iniciava uma nova luta, ainda mais árdua.

Ao palmilhar o interior do Brasil, Prestes pudera conhecer a situação de abandono e miséria em que viviam os camponeses brasileiros e despertara para a necessidade de profundas transformações sociais em nosso país.

No exílio – onde foi procurado por Astrogildo Pereira, dirigente do Partido Comunista do Brasil, que lhe entregou farta literatura de Marx, Engels e Lenin – encontrará no marxismo as respostas para os graves problemas sociais que havia constatado durante a marcha da Coluna. Assim, depois de sete anos de exílio – na Bolívia, Argentina, Uruguai e União Soviética – ingressou em 1934 no Partido Comunista do Brasil (PCB) e retornou clandestinamente ao Brasil, para somar-se à luta da Aliança Nacional Libertadora (ANL) que – com o lema “Pão, Terra e Liberdade” – unia comunistas, socialistas, nacionalistas e democratas.

Frente ao rápido crescimento da ANL, Vargas a proibiu em julho de 1935. O fechamento da ANL e a perseguição aos aliancistas – entre os quais um grande número militares – precipitou os acontecimentos. Em 23



Quartel da Polícia Militar de Natal/RGN tomado pelos insurretos, depois de 19 horas de combate.

de novembro, rebelou-se no Rio Grande do Norte o 21º Batalhão de Caçadores, criando em Natal o primeiro Governo Popular Revolucionário das Américas. Em Pernambuco e no Rio de Janeiro, outras unidades militares somaram-se à rebelião, mas esta foi rapidamente sufocada por forças muito superiores.

Derrotado o movimento, aliancistas e comunistas foram bestialmente reprimidos. Multiplicaram-se as prisões, as torturas e os assassinatos. Em março de 1936, Prestes e a sua companheira – a comunista alemã Olga Benário – foram presos. Prestes só não foi morto no ato da prisão porque Olga o protegeu, colocando-se à sua frente. Prestes foi condenado a 47 anos de prisão e permaneceu preso durante 9 anos, a maior parte do tempo em completo isolamento. Olga Benário foi entregue à Gestapo, grávida de sete meses, sendo, posteriormente, assassinada no campo de concentração de Bernburg. Sua filha – Anita Leocádia – foi salva por uma campanha internacional de solidariedade, liderada por sua mãe, Leocádia Prestes, e sua irmã, Ligia Prestes, a quem a criança foi entregue pelos nazistas.

Em novembro de 1937, Vargas deu um golpe de Estado, suspendeu as eleições, suprimiu os partidos, fechou o Congresso e outorgou uma nova Constituição, instaurando o chamado Estado Novo, inspirado no fascismo italiano. A repressão aos comunistas sob o comando de Filinto Muller – desertor da Coluna Prestes – tornou-se ainda mais feroz. Em 1939, a direção nacional e a maioria das direções estaduais do Partido Comunista do Brasil (PCB) caíram nas mãos da polícia do Estado Novo. Mas, já em 1941, foi formada a “Comissão Nacional de Organização Provisória” (CNOP), a partir de direções estaduais, com o

apoio de Prestes. Em 1943, foi realizada a “Conferência da Mantiqueira”, que reorganizou o Partido e elegeu Prestes, seu Secretário Geral, apesar de encontrar-se preso.



Prestes em depoimento à polícia especial em 1937.

A REDEMOCRATIZAÇÃO E A ELEIÇÃO DE PRESTES COMO O SENADOR MAIS VOTADO DA HISTÓRIA DO PAÍS

Na medida em que Vargas posicionou-se a favor dos aliados e contra o “Eixo” nazi-fascista, Prestes e o PC do Brasil propuseram em 1943 a “União Nacional” com Vargas, contra o nazi-fascismo, e lançaram uma grande campanha pelo envio de tropas brasileiras aos campos de batalha da Europa, o que acabou ocorrendo. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a vitória dos aliados – no que a União Soviética jogou um papel decisivo – fortaleceu-se em todo mundo o prestígio dos comunistas e se impôs o fim dos regimes ditatoriais. No Brasil, os comunistas lançaram uma forte campanha pela libertação dos presos políticos e pela redemocratização do país.

Em abril de 1945, Vargas decretou a Anistia e libertou todos os presos políticos. Ao sair da prisão, com enorme prestígio popular, Prestes percorreu o país realizando grandes atos políticos – como os comícios do estádio do Vasco da Gama (100 mil pessoas) e do estádio do Pacaembu (80 mil pessoas) –, pela legalização do Partido Comunista do Brasil e pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. E em 3 de setembro foi solicitado o registro provisório no TSE do “Partido



Comunista do Brasil, partido da classe operária composto principalmente por trabalhadores” que “luta pela conquista da completa emancipação econômica, política e social do Brasil”

Na medida em que Vargas passou a adotar medidas de caráter democrático e popular – libertando os presos políticos, acabando com a censura à imprensa, legalizando o PCB e restabelecendo as relações com a URSS – os militares e a direita brasileira trataram de afastá-lo, dando um golpe em 29 de outubro de 1945. No mesmo dia, a sede nacional do PCB foi invadida e seus dirigentes tiveram

que esconder-se. Mas, não havia clima para proibir o Partido ou suspender as eleições presidenciais. José Linhares, colocado pelos golpistas na Presidência, manteve as eleições presidenciais e convocou uma Assembleia Nacional Constituinte.

Os comunistas lançaram, então, o desconhecido Yeddo Fiúza para a Presidência da República e, com apenas 15 dias de campanha, obtiveram 10% dos votos, tornando-se o quarto partido mais votado do país. Prestes elegeu-se deputado federal por três estados e Senador pelo Distrito Federal (o que era permitido pela legislação da época), com a maior votação proporcional da história da República. Além disso, foram eleitos 14 deputados comunistas, entre os quais João Amazonas, Maurício Grabois, Gregório Bezerra, Carlos Marighella, Jorge Amado e Claudino José da Silva, o único negro na Constituinte. A combativa bancada comunista na Constituinte, tendo Prestes à frente, jogou importante papel na conquista de avanços no campo dos direitos humanos, dos direitos sociais e do direito de greve, mas não conseguiu vencer a maré conservadora nos temas da reforma agrária e da luta contra o domínio imperialista sobre o país.



*Bancada do Partido
Comunista do Brasil
na Constituinte de
1945:*

*1 Luiz Carlos
Prestes; 2 Maurício
Grabois; 3 Milton
Caires de Brito; 4
Agostinho Dias de
Oliveira; 5 José
Maria Crispim; 6*

*Alcides Sabença; 7 Carlos Marighella; 8 - Alcedo Coutinho; 9 Gregório
Bezerra; 10 Joaquim Batista Neto; 11 Osvaldo Pacheco 12 José Claudino
da Rocha; 13 Jorge Amado; 14 Abílio Fernandes; 15 João Amazonas.*

NOVO PERÍODO DE CLANDESTINIDADE DE PRESTES E DOS COMUNISTAS BRASILEIROS

Inconformadas com as vitórias eleitorais dos comunistas, que elegeram 46 deputados estaduais em 15 Estados e mais dois deputados federais – Pedro Pomar e Diógenes Arruda – nas eleições complementares de São Paulo, as forças conservadoras trataram de golpeá-los. Assim, em maio de 1947, o Partido Comunista do Brasil foi posto na ilegalidade pelo Tribunal Superior Eleitoral – em decisão apertada de 3 votos contra 2 –, tendo suas sedes fechadas, seus dirigentes e militantes perseguidos e seus jornais empastelados. E, em janeiro de 1948, todos os parlamentares comunistas, inclusive Prestes, tiveram os seus mandatos cassados.



Deputados comunistas protestam contra cassação dos mandatos (12/01/48)

Mais uma vez, Prestes e outros dirigentes comunistas foram forçados à clandestinidade, sendo que para ele – principal liderança comunista do país – isso veio a significar dez anos de mais completo isolamento, dificultando-lhe um contato mais direto com o povo e a realidade do país. A partir de 1953, Prestes passou a ter como companheira a militante comunista Maria

do Carmo Ribeiro, com quem teve sete filhos: João, Rosa, Ermelinda, Luiz Carlos, Mariana, Zoia e Iuri, além de adotar os filhos do primeiro casamento de Maria, Pedro e Paulo.

A repressão aos comunistas foi feroz e muitos tombaram nas mãos da polícia de Dutra. Apesar de erros sectários cometidos, os comunistas desenvolveram importantes lutas como a campanha “O Petróleo é Nosso”, pelo fim das bases militares estrangeiras, contra o envio de tropas à Coréia, pela Paz e pelo fim das armas atômicas, entre outras. Também dirigiram importantes lutas, como a “Greve dos 300 mil” em São Paulo (1953), a “Greve Geral Contra a Carestia” (1953) – que paralisou um milhão de trabalhadores – e a resistência armada dos camponeses de Porecatu/PR (1950) e de Trombas e Formoso/GO (1954).

Em 1954, o PC do Brasil realizou na clandestinidade o seu 4º Congresso e aprovou pela primeira vez um Programa partidário – antiimperialista, antifeudal e democrático – mantendo Prestes como seu Secretário Geral.

O 20º CONGRESSO DO PCUS E A DIVISÃO DOS COMUNISTAS BRASILEIROS



14-25/2/1956: 20º Congresso do PCUS, marco da onda revisionista e da cisão no movimento comunista mundial. Krushchov ataca Stalin em informe secreto e propõe guinada à direita com a linha das "3 pacíficas" (coexistência, emulação, transição). Abre-se fase de aguda luta interna no PCB.

Em 1956, realizou-se o 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, que – praticando um culto à personalidade às avessas – culpou Stalin de todos os erros reais ou fictícios ocorridos durante a construção do Socialismo na URSS e fez uma crítica desqualificada à luta dos comunistas de todo o mundo. Ao mesmo tempo, adotou uma linha reformista e de conciliação com o imperialismo norte-americano, procurando impor a todos os partidos

comunistas a nova orientação.

Passado a surpresa inicial, essas novas orientações do PCUS geraram uma grande controvérsia no interior dos PCs de todo mundo. No Brasil, levou à aprovação do Manifesto de Março de 1958, de caráter nacional-reformista, que afirmava que “nas condições presentes de nosso país, o desenvolvimento capitalista corresponde aos interesses do proletariado e de todo povo” e que as transformações no Brasil podem “vir a ser gradualmente realizada por um ou por sucessivos governos que se apoiem na frente única nacionalista e democrática.” Provados dirigentes comunistas – como João Amazonas, Maurício Grabois e Pedro Pomar –, que entendiam que a nova orientação significava o abandono de qualquer perspectiva revolucionária e a adoção da mais completa conciliação de classes, foram afastados do secretariado do Comitê Central.

Em 1960, o 5º Congresso do PC do Brasil, depois de um acirrado debate interno, adotou a linha nacional-reformista expressa no Manifesto de 1958 e afastou 12 dos 25 membros do Comitê Central anterior. Em agosto de 1961, a nova direção do Partido – alegando a necessidade de legalizar o Partido – divulgou novos Estatutos e Programa, alterando o nome para “Partido Comunista Brasileiro”, mas mantendo a sigla “PCB”. Foram retiradas quaisquer referências ao comunismo – como objetivo programático –, ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário.

Em reação a essa alteração dos Estatutos e Programa partidários, sem uma deliberação congressual, um conjunto de militantes e dirigentes exigiram a convocação de um novo Congresso para decidir sobre o tema. Expulsos, realizaram, em 18 de fevereiro de 1962, uma Conferência Extraordinária do “Partido Comunista do Brasil”, com o objetivo de reorganizá-lo, agora com a sigla “PCdoB”, para diferenciá-lo do novo “PCB”. Consumava-se, assim, a divisão entre os comunistas brasileiros, em função de profundas divergências quanto aos caminhos da luta revolucionária no Brasil.



Foto do acervo da família

1961, São Paulo. A família Prestes (da esquerda para a direita): Rosa, Maria com Zoia (no colo), João (com a bola), Prestes com Mariana (no colo), Paulo, Luiz Carlos, Anita e Ermelinda.

O GOLPE MILITAR, OS 21 ANOS DE DITADURA, A ANISTIA E O RETORNO AO BRASIL

Com o golpe militar de 1º de abril de 1964, os comunistas – tanto do PCB quanto do PCdoB – passaram a ser alvos prioritários da violência repressora da ditadura. Prestes foi o primeiro da lista de cassações dos direitos políticos e teve de voltar à clandestinidade. Foi condenado à revelia a 14 anos de prisão, junto com outros 52 dirigentes partidários. Em 1970, será condenado a mais 10 anos de prisão. Além das perseguições, Prestes teve de enfrentar graves dissensões internas no PCB, onde muitos desertam da luta e outros romperam com o Partido para aderir a ações armadas de caráter foquista contra a ditadura.

Em 1971, por decisão do Comitê Central do novo Partido Comunista Brasileiro (PCB), Prestes partiu para o exílio na União Soviética, onde passou a desenvolver intensa atividade no campo internacional, de denúncia dos crimes da ditadura e de solidariedade aos presos e perseguidos políticos. Com a transferência da direção do PCB para a Europa, em meados da década de 70 – devido à violenta repressão contra os que resistiam à ditadura – acentuaram-se as divergências entre Prestes e a maioria da direção partidária.

Em outubro de 1979, logo após a conquista da Anistia, Prestes retornou ao Brasil, onde foi recebido por milhares de pessoas, no aeroporto do Galeão.



Foto do acervo da família

1964, Kiev, Ucrânia. Já no exílio, Prestes e Maria visitam uma fábrica soviética.

Em março de 1980, Luiz Carlos Prestes divulgou sua “Carta aos Comunistas”, onde afirma que “o PCB não está exercendo um papel de vanguarda e atravessa uma séria crise (...) que está sendo habilmente aproveitada pela reação no sentido de tentar transformá-lo num partido reformista, desprovido do seu caráter

revolucionário e dócil os objetivos do regime ditatorial” e denuncia um eventual acordo com a ditadura para obter a legalização do Partido Comunista Brasileiro: “Acordo este que significaria um compromisso com a ditadura, incompatível com o caráter revolucionário e internacionalista do PCB, compromisso que colocaria o Partido a reboque da burguesia e a serviço da ditadura”. Foi, então, afastado do cargo de Secretário Geral do PCB e substituído por Giocondo Dias.

A partir de então, Prestes afastou-se do PCB. Apesar de não ter-se filiado a nenhum partido, passou a apoiar o PDT de Leonel Brizola, recebendo o título de Presidente de Honra desse partido. Em 1982, apoiou a candidatura de Brizola para o governo do Rio de Janeiro, que venceu. Em 1984 participou ativamente da campanha das DIRETAS JÁ. Em 1989, apoiou Leonel Brizola no 1º turno para a Presidência da República. No 2º turno, apoiou Luís Inácio Lula da Silva contra Fernando Collor de Mello, mas quem venceu foi Collor. Foi sua última participação política.

No dia 7 de março de 1990, às 2h30 da madrugada, Luiz Carlos Prestes faleceu no Rio de Janeiro de leucemia, aos 92 anos de idade. Morreu pobre, dono de um único apartamento que lhe havia sido doado por Oscar Niemeyer, o qual também colaborou para pagar suas despesas médicas. Foi velado na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, onde mais de 20 mil pessoas compareceram para dar-lhe o último adeus. Um cortejo de cerca de 5 mil pessoas o acompanhou, durante três horas e meia, até o cemitério São João Batista, onde foi enterrado.



Foto do acervo da família

1988, México. Prestes em visita ao túmulo de sua mãe, Dona Leocádia Felizardo Prestes, acompanhado de Maria.

UMA VIDA DEDICADA À LUTA POR UM PAÍS MAIS SOBERANO, DEMOCRÁTICO E JUSTO



Sem dúvida, a trajetória heróica de Luiz Carlos Prestes, marcada pela coerência e pela disposição de enfrentar quaisquer sacrifícios para tornar realidade os sonhos de justiça e de igualdade que o moviam, marcou de forma indelével a história do nosso país. Prestes foi um dos maiores heróis do povo brasileiro, a quem os poderosos – que costumam jactar-se que todos têm o seu preço – nunca conseguiram cooptar ou dobrar.

Assim, rejeitou o convite para ser o chefe militar da Revolução de 30, por entender que era uma mera disputa entre distintas facções das oligarquias brasileiras. Convencido da justeza do marxismo-leninismo e da luta por uma sociedade sem explorados e exploradores, sem oprimidos e opressores, preferiu o proscrito e perseguido Partido Comunista do Brasil às benesses do Poder. Tampouco aceitou a anistia que Getúlio Vargas ofereceu aos tenentes, em troca de sua adesão à revolução de 30 vitoriosa. Em 1935, assumiu pessoalmente a responsabilidades dos levantes militares da ANL, de caráter antifascistas, sendo condenado a 47 anos de prisão, dos quais cumpriu 9 anos no mais completo isolamento. Viu impotente sua companheira Olga Benário ser enviada por Getúlio Vargas para os fornos crematórios da Alemanha nazista, grávida de sua filha.

Sobrelevou sua dor em 1945, apoiando Getúlio contra as forças conservadoras que queriam derrubá-lo por haver-se aproximado das forças progressistas. Eleito o senador mais votado do país, percorreu a nação de Norte a Sul construindo um forte Partido Comunista, com mais de 200 mil filiados, 1 senador, 16 deputados federais, 46 deputados estaduais, forte inserção na intelectualidade e nos movimentos sociais, 9 diários, inúmeras revistas e 2 editoras. Proibido o partido, cassados os mandatos de seus parlamentares, fechados os jornais, não esmoreceu, reiniciando a luta em difíceis condições de clandestinidade.

Com o golpe militar de 1964, enfrentou nova onda de perseguições, sendo condenado a mais de uma década de prisão e obrigado, primeiro, à clandestinidade e, logo, ao exílio. Nada foi capaz de abater sua fé em uma humanidade mais fraterna e justa. Ao voltar ao Brasil, com a Anistia, em fins de 1979, não se calou, denunciando os crimes dos militares. Já com idade avançada, engajou-se em 1984 na luta das DIRETAS JÁ para apressar o fim da ditadura. E sua última participação política deu-se em 1989, apoiando Lula no segundo turno das eleições presidenciais. Morreu, portanto, nas trincheiras de luta, aos 92 anos de idade, peleando pela liberdade e pelo avanço social. Cometeu erros, mas quem não os cometeu? Não se omitiu, porém, nas lutas mais relevantes de sua época. Sua dedicação sem limites às causas do povo deve servir de exemplo às novas gerações de lutadores sociais.

Por isso, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), no documento comemorativos de seus noventa anos de existência, afirma – apesar das divergências que teve em determinados momentos com Prestes – que “três personalidades vincaram seus nomes à saga dos comunistas no Brasil: Astrojildo Pereira, Luiz Carlos Prestes e João Amazonas. Astrojildo esteve à frente da fundação em 1922 e simboliza a geração dos primeiros tempos. Prestes entra para o Partido em 1934, já como “Cavaleiro da Esperança”, e lidera a geração até 1960; Amazonas ingressa em 1935, lidera a geração que o reorganiza em 1962 e o conduz até a primeira eleição de Lula.

Também como prova do reconhecimento da luta do “Cavaleiro da Esperança”, o PCdoB, através de seu senador Inácio Arruda, apresentou projeto que foi aprovado no Senado, restituindo simbolicamente os mandatos de Prestes e de seu suplente Abel Chermont, que foram eleitos em 1947. Os dois perderam o mandato em janeiro de 1948 por decisão da Mesa Diretora da Casa após a Justiça Eleitoral cassar o registro de funcionamento do PC do Brasil. Igual iniciativa ocorreu por parte do PCdoB na Câmara Federal, restituindo os mandatos dos 14 deputados federais comunistas igualmente cassados em 1948. No Rio Grande do Sul, o deputado Raul Carrion (PCdoB) também fez aprovar resolução anulando a decisão da mesa diretora da Assembleia Legislativa gaúcha que cassou o mandato dos deputados estaduais eleitos pela sigla em 1945.